



PROJETO XIRÊ-DUN: ANCESTRALIDADE E PROTAGONISMO NEGRO NA DANÇA AFRO DO PAMPA GAÚCHO

EIXO: Interculturalidade e Diversidade nas Ações Educacionais

Manoel Gildo Alves Neto¹

Isadora Bispo dos Santos²

Kalyna Moraes Dutra³

Bruna Marodin Lemes⁴

RESUMO

Muito se fala sobre implementação da LDB 10.639/03 e 11.645/08 na educação básica, esta política aponta uma perspectiva pluri e intercultural na educação brasileira. Acreditando no intercruzamento entre Educação e Cultura diversas ações estéticas de cunho político-pedagógico são trabalhadas como medida o fortalecimento de uma cultura descolonizada que fortaleça a ideia de uma Consciência Nacional e uma Descolonização do Corpo. Inúmeras ações do campo da cultura corroboram no processo de superação das dinâmicas coloniais, este artigo tem como objetivo apresentar informações levantadas durante a segunda fase do projeto Xirê-Dun (contemplado via Edital SEDAC nº 03/2016 – Pró Cultura - RS FAC Regional), um projeto que articula os campos da Cultura e Educação através da Dança. Nesta fase aconteceu um circuito com o diretor artístico, Manoel Luthiery, que acompanhado da equipe técnica visitou artistas, educadores, professores de Dança, militantes do movimento negro e entusiastas da Dança Afro-Brasileira em quatro cidades do pampa gaúcho, na perspectiva de abrir diálogo formativo sobre as Danças de Matrizes Africanas e Afro-Brasileiras. O circuito buscou estimular processos criativos em Dança Afro-Brasileira que investigassem a Ancestralidade Negra local e traços de Negritude como fonte matriz para suas poéticas. Visando o fortalecimento de processos educativos e criativos descolonizantes. Esses encontros foram marcados por temáticas relativas à Educação, Dança Afro-Brasileira e Relações Étnico-Raciais, e possibilitaram uma caracterização da Dança Negra nas cidades de Lavras do Sul, Caçapava do Sul, Bagé e Santana do Livramento.

Palavras-chave: Educação; Cultura; Relações étnico-raciais; Xirê-Dun; Dança Afro-Gaúcha .

PROJETO XIRÊ-DUN COMO ESTRATEGIA DE DESCOLONIZAÇÃO DE SABERES

A implementação da Lei de Diretrizes e Bases(LDB) nº 10.639/03 e nº 11.645/08 relativas a obrigatoriedade da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na educação básica tem sido analisada por diversos teóricos do campo da educação, a adesão dos conteúdos pela escola formal, entre outras tantas ações

¹ Mestrando (PPGAC), UFRGS, manoelalvesrs@gmail.com

² Graduanda, ULBRA, pondaassessoria@gmail.com

³ Graduanda, UFSM, kalynaponda@gmail.com

⁴ Graduanda, UFSM, brunamlemes@yahoo.com.br



político-pedagógicas necessárias para avançar no sentido de uma educação descolonizada dependem da efetivação dessa lei. Ações que acontecem diariamente na práxis de Mestres Griots, Movimentos Sociais, Movimento Negro, Grupos e Associações de Capoeira, Grupos e Coletivos de Dança Afro, Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e outras tantas iniciativas que alinham Educação, Descolonização e Cultura.

Por mais importantes que sejam todos esses esforços as bases culturais hegemônicas e reguladoras das instituições, de forma velada, ainda negligenciam a diversidade cultural presente na escola e invisibilizam projetos que se pensem pluriculturais e descolonizantes dentro da educação. Neste contexto surgem diversas práticas racistas que reivindicam a hierarquização dos saberes e atribuem a “supremacia étnica” às culturas e currículos europocêntricos.

Podemos citar como exemplo desse projeto de silenciamento da diversidade cultural a deficiência coletiva no campo da produção de subjetividade, perpetrado pela falta de acesso a diversidade artística e cultural, à referências negras positivadas na mídia, nas narrativas ficcionais de novelas, filmes, games, entre outros, bem como a falta de saberes negros e indígenas no próprio currículo formal, nos referimos aqui ao currículo tanto da escola de ensino básico quanto ao currículo da formação de professores.

A comunidade negra africana e afro-diaspórica, tensionada por estruturas coloniais e capitalistas, vivenciam cotidianamente um epistemicídio de suas culturas, uma desvalorização de seus saberes, a perda de si que pré-configura uma lesão na construção de identidade do sujeito. Todos esses fatos coadunam para um processo de Diáspora Cognitiva (cf. TAVARES, 2012) marginaliza identidades culturais em detrimento de valores balizadores da cultura do colonizador. E a estratégia utilizada é um Epistemicídio Cultural (cf. SANTOS, 2010).

O tensionamento para que se efetiva a implementação da LDB 10.639/03 e 11.645/08, Cotas nas Instituições de Ensino Superior (IES), Descolonização Curricular do Ensino Básico, não ao projeto “Escola Sem Partido”, a inserção de conteúdos sobre Diversidade Sexual e de Gênero, à reorganização da classe trabalhadora, e outras tantas ações do campo político-pedagógico, frutos da



militância social contra um capitalismo que esta engendrado a uma colonização perversa e desumanizadora, são questões políticas emergenciais a serem tratadas.

Descolonizar, mediante o contexto de agressão cognitiva vivido diariamente por crianças e jovens negras(os) e culturas e saberes africanos, ou afro-referenciados e indígenas, não é tarefa fácil, a nossa maneira de o fazer foi através da criação de relações potentes entre Educação e Cultura. O contexto tem feito pessoas negras e não-negras, sensíveis a causa, inquietarem-se na busca por estratégias de luta anti-racismo; como resposta, muitos tem buscado linhas de fuga, bem como os negros escravizados, Aquilombar-se.

O Quilombo nesse texto é visualizado metaforicamente como espaço contemporâneo de reflexão sobre as estratégias de sobrevivência, fortalecer práticas descolonizadas nas mais diversas áreas do conhecimento, potencializar saberes para jogar com as estruturas de poder instituídos e balizadas pela cultura europocêntrica, além de propor um novo *modus operandi* baseado no conceito de interculturalidade como via possível de respeito múltuo.

Segundo o intelectual português, Boaventura de Souza Santos, a interculturalidade pressupõe o reconhecimento recíproco do potencial dos diferentes saberes que partilham de um dado espaço geográfico, carecendo basear-se no respeito à diversidade cultural e na quebra das estruturas que hierarquizam saberes (SANTOS, 2010).

Inúmeras ações do campo da cultura corroboram no processo de superação das dinâmicas coloniais. Este artigo tem como objetivo apresentar uma dessas ações e tonar pública informações levantadas durante a segunda fase do Projeto Xirê-Dun.

Na linga Yorubá, Xirê/Siré significa festa, Dun/Dundun/Dudu, significa negro; a tradução livre seria Festa Negra. O projeto Xirê-Dun foi contemplado via Edital SEDAC nº 03/2016 – Pró Cultura - RS FAC Regional. Este projeto se propõe a alinhar questões de Estéticas e Políticas pertinentes aos campos da Cultura, Arte e Educação, pois além da criar um festival e fomentar a criação em Dança Afro-Brasileira de grupos de Dança da região do pampa gaúcho, se propõe a inserir um pensamento crítico em Dança, que tem como foco a descolonização do corpo e do



gesto através da Dança. Segundo a historiadora, poetiza e ativista negra Beatriz Nascimento

As memórias são conteúdos de um continente da sua vida, da sua história, do seu passado, como se o corpo fosse o documento. Não é a toa que a dança para o negro é um momento de libertação. O homem negro não pode estar liberto enquanto ele não esquecer pelo gesto que ele não é mais um cativo (NASCIMENTO & GERBER, 1989).

As cidades gaúchas escolhidas inicialmente para a primeira edição do projeto são: Caçapava do Sul, Lavras do Sul, Santana do Livramento e Bagé.

Xirê-Dun, uma gira, uma ciranda de saberes/fazeres e refazendas das Danças Negras no Pampa Gaúcho. Segundo o artista Gilberto Gil, muitos elementos da Cultura Negra vieram e enraizaram-se no Brasil, saberes múltiplos, que recriaram-se na tentativa de resistir mantendo a tradição ancestral viva. Manifestações como o Candomblé, o Batuque do Sul o Samba, a Capoeira, a Dança Afro, entre outras manifestações e performances artísticas e rituais são recriações míticas de uma África ancestral em solo brasileiro. Para Gilberto Gil (2007, p. 7).

“Para continuar resistindo, os africanos submetidos ao cativeiro e seus descendentes tiveram que refazer tudo, refazer linguagens, refazer parentescos, refazer religiões, refazer encontros e celebrações, refazer solidariedades, refazer cultura. Esta foi a verdadeira Grande Refazenda.”

ANCESTRALIDADE NEGRA E RASTROS DE NEGRITUDES NO PAMPA GAÚCHO

Durante a primeira fase do projeto ainda não havíamos nos dado conta da dimensão e da grandiosidade do projeto. Aos pouco fomos percebendo que *Xirê-Dun* seria uma grande ciranda de trocas de saberes, um grande círculo que interconectaria Corpos e Saberes Negros que pensam/fazem Dança Negra no pampa gaúcho, tendo como ápice final a organização de um Festival de Dança Negra, onde todos os grupos que participaram dos circuitos formativos vão apresentar coreografias criadas a partir de pesquisas em Ancestralidade Negra Local e na busca por rastros de negritudes que reverberaram no processo.

Retomando o conceito de Dança Negra, segundo o bailarino Rui Moreira



Em 2007 aconteceu o Encontro – África e Diásporas em Toubab Dialaw – Senegal, organizado pela Associação JANT-BI sob a direção Artística de Germaine Acony no Centro Internacional em Danças Tradicionais e Contemporâneas da África “Ecole des Sables”. O objetivo desse Encontro foi reunir coreógrafos, músicos e investigadores da África e suas Diásporas para criar novas relações com base na dança e na música. (...) Naquela ocasião, Patrick Acony, coreógrafo filho de germaine Acony, pesquisador vinculado à Universidade Paris 8 e membro do laboratório etnocienologia de La Maison des Sciences de l’Homme de Paris Nord citou o termo Dança Negra como sendo o ponto conceitual que amalgamou aquele encontro. O Brasil cita suas Danças negras a partir do prefixo Afro.” (MOREIRA, 2000, p. 64)

A nossa proposta artístico/pedagógica aponta para a criação de uma rede de grupos de Dança que atuam pensando/fazendo descolonização do corpo através de pedagogias descolonizantes, com foco na valorização da cultura negra africano-brasileira, protagonismo negro na Dança, e educação para a diversidade étnico-racial através da Dança Afro. Após a primeira fase onde a equipe do projeto se deslocou em circuito pelas cidades escolhidas com o intuito de fazer um lançamento público, mapear e reunir-se com os grupos locais, o diretor artístico do projeto, Manoel Luthiery, deu início à segunda fase do processo.

A segunda fase aconteceu mediante visitação do diretor artístico a cada uma das cidades escolhidas previamente na primeira fase, a metodologia utilizada durante os encontros com os grupos locais era articulada coletivamente, em resumo, tendo os objetivos formativos como eixo. A visitação estruturada aconteceu seguindo a seguinte metodologia: 1º Roda de conversa; 2º Aula de Dança Afro (utilizada como meio pra reconhecimento dos corpos e corporeidades locais); na cidade de Santana do Livramento tivemos o privilégio de assistir uma coreografia preparada pelo grupo Meninas das Rosas, seguida de uma Roda de Capoeira instauradas como forma de compartilhamento e troca de afetos.

RODAS DE CONVERSA, CIRCULARIDADES E CIRCUITAÇÃO DE SABERES

A partir desse subtítulo o artigo é escrito em primeira pessoa por tratar-se das descrições a partir do olhar, ouvir, sentir, perceber do artista pesquisador, Manoel



Luthiery, diretor artístico.

Tomando como base as experiências em pesquisa artística da Prof. Dra. Suzane Weber (cf. SILVA, 2010) utilizei como instrumento metodológico para produção de conhecimento ferramentas inspiradas no Método Etnográfico, ou de inspiração etnográfica como cita a autora.

Sou Manoel Gildo Alves Neto, conhecido no meio artístico por Manoel Luthiery, lanço mão da escrita impessoal para operar articulando conceitos a práticas artísticas, desenvolvendo uma escrita artística-acadêmica que dê conta de expor poeticamente as nuances dos acontecimentos durante a segunda fase do projeto.

Havia uma imensa dúvida sobre o que eu iria encontrar, as perguntas já se instauravam antes mesmo de conhecer os corpos dançantes, Corpos Contadores de Histórias como nos ensina a coreógrafa pelotense Raquel Silveira.

“Será que nessa ciranda irei encontrar corpos diversos? Dispostos? Corporeidades dançantes marcadas pelos processos de exaltação a cultura europeia? Quais serão as concepção de “Dança Afro” ou de “Dança Negra” presente nesses territórios?”

Decidi por me por em movimento e me fazer observador-participante (cf. YIN, 2016), Corpo Aberto a ouvir, sentir, dançar, cantar, compartilhar, ver, perceber as demandas e capturar as visualidades potentes onde esses corpos sinalizassem suas identidades negras, indígenas, brancas, quaisquer que fossem colocadas em movimento e diálogo.

Segundo DIAS (2015, p. 6) “entendemos que o corpo conta sua história, a partir dos seus gestos, de suas falas, do modo de se movimentar, de estar no mundo, desta forma demarcando sua existência”. Não havia dúvidas que seria um processo enriquecedor para a “Dança Afro” do estado. Imaginem quilombos (aqui representados por grupos de Dança com protagonismo majoritariamente negro) se encontrando pra discutir criticamente sobre Dançar, Ancestralidade, Cultura Negra, Educação, Protagonismo Negra na Dança.



Falo de ancestralidades como fator de significativa importância pra pensar/fazer a Dança (SANTOS, 2006), traços de negritude, de registros que potencializam o percurso de luta, resistências e reminiscências de um povo negro gaúcho, diaspórico por desígnio de uma colonização perversa, desapropriado de si rearticulando seus saberes e sua história através da Dança.

As rodas de conversa iniciavam com uma apresentação básica sobre o projeto e seus objetivos, tratava-se de um espaço pra ouvir mais do que falar, coletar informações, ou melhor perceber as informações nas corporeidades, sobre as concepções locais e às vezes singulares do que é, ou do que poderia vir a ser essa tal “Dança Afro” “Dança Negra” “Dança Afro-Brasileira”, (re)performada, ensinada e (re)criada em cada grupo.

Reconheci através dessas dinâmicas grupos que tem profundo interesse em aprofundar seus estudos nas Danças de Matrizes Africanas, outros que tem como foco a educação através da Dança e por isso se punham a processos coreográficos investigativos com foco na história e cultura africana e afro-brasileira como base para a criação em Dança. Outros grupos com trajetória consolidada no fazer/pensar Dança Afro-Brasileira.

Todos os grupos participantes nos impressionaram com o nível de profissionalismo. O Projeto RodArte (Bagé-RS), onde há duas frentes, uma voltada pra formação em dança Contemporânea e Jazz, e outra ligada as Danças Urbanas, são grupos que já se articulam como fortalecedores e promotores de processos de identidade, educadores formados pela Dança e que auxiliam outros jovem a se formarem cidadãos através da Arte. Uma juventude negra que protagoniza suas histórias na Dança e na vida, mas que também tem vontade de se instrumentalizar no sentido da produção cultural, querem acessar financiamentos públicos, editais e prêmios no campo das Artes, além de reivindicarem do poder público local reconhecimento, valorização e profissionalização dos bailarinos e educadores envolvidos nesse projeto.

Fortalecendo a historiografia dos grupos descobrimos no processo que haviam grupos que beiravam trinta anos de existência, como é o caso do Grupo CLARA NUNES (Caçapava do Sul-RS) e outros que estão na fase de estruturação,



procurando reconhecer suas potências e linguagens artísticas, como é o caso do Grupo PRETAS SEM PRECONCEITO (Santana do Livramento-RS).

O contexto integrativo entre Arte, Assistência Social, Educação e Militância Negra estavam todos entrelaçados na realidade dos grupos de Santana do Livramento. Encontrei nesse imbricamento de áreas algo que poderia ser chamado de A(r)ativismo Negro e Feminino em Santana do Livramento. Mulheres negras que além de fortalecerem o cenário do movimento negro local, fortalecem outras mulheres e meninas negras que vivem situação de vulnerabilidade social.

As refazendas encontradas nesse fase do projeto são potências diversas, diferenciam-se no modo como operam seus fazer, cada grupo com sua dinâmica metodológica e/ou processual e criativa, cada uma com o seu modo de se movimentar, inspirações e gestos próprios. Me questionei sobre “O que eu haveria de levar de novo?”. Concluí que fui para o circuito como “Turista-Aprendiz” apreciar o falar/dançar desses Corpos Negros.

A Dança Afro Cênica Gaúcha tem se estruturado a partir de base ainda em construção. Falamos da Mestra Iara Deodora – Coreógrafa do Grupo AfroSul Odomodê de Porto Alegre-RS, Mano Amaro artistas negro pelotense, residente Bélgica, Daniel Amaro, coreógrafo da Cia de Dança Afro Daniel Amaro (Pelotas-RS) entre outras figuras da cena da dança que remontam a história da Dança Afro no estado.

Quando me questiono sobre “O que há de especificidade na Dança Afro do Rio Grande do Sul?” confesso que ainda esta no processo de investigação, mas antecipo que a potência das refazendas a partir da inspirações das negritudes locais, ou seja, os grupos não tem uma técnica formalizada, ou um vertente específica de pesquisa, a maioria atua nas criações a partir das inspirações locais e midiáticas.

Segundo Raquel Silveira o Grupo de Dança Afro Odara (Pelotas-RS) atuava nas suas criações buscando trazer as referências da história local para compor as dramaturgias de seus trabalhos coreográficos, realinhando a memória do corpo a reminiscências e pesquisas históricas sobre a cidade, promovendo durante os processos criativos do grupo escoamentos de performances e visualidades ligadas



ao contexto pesquisado, disparador de gestos e movimentos que brotavam desse limbo de subjetividade/objetividade.

Artistas e coletividades que reforçam e fortaleceram e fortalecem o pensar/fazer de uma Dança Afro Gaúcha!

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Nesse circuito fui turista aprendiz, compartilhei um pouco do que a Dança Afro me ensinou e tem me ensinado, vi corporeidades das danças urbanas, do jazz, do que é comumente chamado de Dança educativa, feita no ambiente escolar, vi Afro, vi traços de negruras, de negritudes, potências insubmissas, potências transgressoradas que contaminam com sua beleza, com seus cabelos crespos, trançados, lisos, com negras e negros de todos os tons de peles.

Fui Também um pouco diretor artístico chamando atenção para os nossos objetivos, mas me encantando com as realidades, com as Africanidades que encontrei, com as estratégias de resistência que me impressionaram e me emocionaram.

Diversos grupos do Pampa gaúcho onde o protagonista é o corpo negro em movimento, seria isso movimento negro? Não sei, sei que são negros em movimento, também protagonizando sua história no fazer/pensar arte! Num fazer pensar Odara!

Hoje não temos noção do que estamos fazendo, espero que a história seja generosa e as sementes lançadas se multipliquem, que sigamos um inspirando o trabalho do outro, que a ciranda Xirê-Din não pare, cito Raquel Silveira “Que a Dança Afro continue renovando nossa energia, gerando movimentos de resistência, movimentos de vida, outros movimentos de vida!”.

REFERÊNCIAS

TAVARES, Júlio Cesar de. **DANÇA DA GERRA – Arquivo e arma: elementos para uma Teoria da Capoeiragem e da Comunicação Corporal Afro-Brasileira**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.



SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Org.).

Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

NASCIMENTO, Beatriz; GERBER, Raquel. **Ôri.** São Paulo. 91', cor, 35mm, 1989.

GIL, Gilberto. **A grande Refazenda: África e Diáspora pós CIAD II.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.

MOREIRA, Rui. **O Corpo Negro e suas Identidades na Dança Brasileira.** Revista Matriz: uma revista de arte negra. Porto Alegre: Grupo Caixa Preta. 2000.

SILVA, Suzane Weber. **Metodologia de inspiração etnográfica em pesquisas de práticas corporais artísticas.** In: VI Congresso da Abrace, São Paulo, 2010.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Tradução: Daniel Bueno; Porto Alegre: Penso, 2016.

DIAS, Raquel Silveira Rita . **Problematizações sobre corpos escolares e dança: nos (des)caminhos da presença -ausente.** In: XI ANPED SUL: educação, movimentos sociais e políticas governamentais, 2015, Curitiba/PR. Educação e Arte. Curitiba/PR: XI ANPED Sul, 2015. v. online.

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **CORPO E ANCESTRALIDADE: UMA PROPOSTA PLURICULTURAL DA DANÇA-ARTE-EDUCAÇÃO.** 2. ed. São Paulo: Terceira Margem, 2006.